

O REINO DE DEUS COMO IDEALIZAÇÃO NO CONTEXTO DO PENSAMENTO POLÍTICO DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

MARTIM AIRES HORTA

Universidade de Lisboa
Martimhorta@gmail.com

Resumo

Este estudo tem por objectivo uma leitura da pregação do Reino de Deus por Jesus de Nazaré como uma possível teorização política idealista, enquadrada nas teorias, concepções e práticas políticas do mundo clássico presentes numa Palestina helenizada, no século I a. C. Utilizando a metodologia proposta por John P. Meier (*A Marginal Jew*, 1991; 1994; 2001; 2009) e com ênfase no critério de testemunho múltiplo, propõe-se a comparação de certos passos das fontes bíblicas com as concepções políticas da Antiguidade Clássica. Alguma primazia foi dada à *República* de Platão.*

Palavras-chave: Jesus de Nazaré; Reino de Deus; escatologia política; platonismo helenístico tardio; cristologia.

Abstract

This essay was written as an hypothesis about the teachings of Jesus of Nazareth as part of a possible Political Theory, in the light of the classical world political theories, concepts and practices, sure to be present in Palestine on the first century B.C. Strongly based upon the methodology used by John P. Meier (*A Marginal Jew*, 1991; 1994; 2001; 2009), with particular emphasis on the multiple testimony criteria, it is proposed a comparative reading of certain passes with the political conceptions of the classical world at the time. Some comparative priority was given to Plato's *Republic*.**

Key-words: Jesus of Nazareth; Kingdom of God; Political Eschatology; Late Hellenistic Platonism; Historical Jesus.

Estudar os Evangelhos⁽¹⁾ é hoje partir do princípio que toda a obra é uma obra aberta, que as sucessivas leituras lhe atribuem novos significados por parte dos leitores e instituições que depois se reproduzem perante esta, e que a sua compreensão e das vertentes a que se pretende dar ênfase dependem de uma contextualização das estruturas de produção desta⁽²⁾, mentais, sociais, económicas, culturais e políticas mas também das estruturas de consumo⁽³⁾, portadoras da mesma abrangência. Não é possível separar o produtor do consumidor, a obra proposta da obra acabada, quem a escreve de quem a «compra». Tratar das ideias políticas de Jesus de Nazaré, aparentemente reduzindo a ambição de tal projecto, apresenta dificuldades acrescidas: como entender a contextualização das estruturas de produção das ideias políticas de um homem, escondido através da pouca sobriedade das fontes, e com duvidosa atribuição de actos e ensinamentos?

Eis o plano: aplicação de critérios de historicidade,⁽⁴⁾ fazendo sempre referência aos passos a analisar, e comparar com concepções políticas chave da Antiguidade Clássica, até ao século I da nossa era. Se os resultados não revelam explicitamente uma teoria construída pela personalidade em questão, ao menos possibilita o entendimento contextual de ruído político-ideológico nos dois patamares de redacção das fontes sinópticas às quais é possível estabelecer: tríplice tradição e Q. A operatividade deste estudo radica portanto no campo da contextualização, das influências e da história das ideias políticas.

O que poderá ter influenciado um homem, Jesus de Nazaré, a teorizar numa província marginal do império⁽⁵⁾, a nível cultural, social, político e económico, provocando um fenómeno que foi de tal forma abrangente, que se tornou abertamente aceite como «civilizacional»?⁽⁶⁾ Será que esta marginalidade ocorre apenas no plano geográfico? Não será muita da sua «originalidade» coincidente ou influenciada por séculos de teorização política grega, modelo em ascensão desde o século VI a. C.⁽⁷⁾ e que se impõe definitivamente no Egeu e no Próximo Oriente a partir do século IV?

Possibilidade de uma teorização

A Palestina é uma região helenizada no tempo de Jesus de Nazaré: contam-se, por exemplo, pelo menos dezassete teatros e anfiteatros. A Palestina produz uma quantidade considerável de homens

da alta cultura helenística: filósofos, retóricos, gramáticos e historiadores (exceptuando cínicos)⁽⁸⁾. Será possível que os passos atribuídos a Jesus contenham de facto uma sabedoria filosófica? E será que esses reflectem uma teorização política inserida no contexto do mundo clássico? A resposta depende da sua caracterização como um sábio helenístico judeu⁽⁹⁾. Teria a helenização permitido a Jesus uma formação para tal? E terá este agido como tal?

O grego entra pelas elites helenizadas que governam o Próximo Oriente e torna-se uma língua franca. A Judeia não foge à regra: as moedas no período romano deixam o aramaico para serem apenas cunhadas em grego⁽¹⁰⁾. O conhecimento dessa língua é essencial para a helenização, pois traz consigo uma interiorização de novos conceitos ausentes nas sociedades do Próximo Oriente. Jesus teria de entender algum grego, mesmo que apenas algo de técnico, já que era necessário para qualquer palestino do seu tempo, além do aramaico e algum hebraico⁽¹¹⁾. Sendo possível que Nazaré tenha tido uma sinagoga, e dado que tal homem teria necessariamente conhecimento da lei mosaica e das escrituras, é bastante possível que Jesus soubesse ler e escrever⁽¹²⁾. O seu comportamento assemelha-se a tal sábio. Constrói uma relação específica com os seus discípulos dando-lhes formação não «tanto através de lições teóricas como pelo convívio quotidiano e a vida em comum»⁽¹³⁾. Tem discípulos com quem vive no quotidiano, que o seguem e ao seu modo de vida e realizam tarefas. Parece ter dado lições que incluíam pequenas histórias de construção retórica para explicitar certas ideias, como na filosofia clássica se utilizaram os mitos e alegorias: parábolas⁽¹⁴⁾. Note-se que uma das primeiras percepções do mundo clássico sobre o movimento cristão, *A Morte de Peregrino* de Luciano de Samóstata, não tem problemas em caracterizar Jesus como um «sofista crucificado»⁽¹⁵⁾ e o seu movimento comparável ao dos cínicos⁽¹⁶⁾, revelando uma identificação com outros desse tempo.

Consciência da teoria

O «Reino de Deus» é o tema central no discurso dos Evangelhos, ao ter mais referências e relacionando-se com todas as acções e ditos de Jesus. É fundamental para a mensagem, como para a compreensão da existência de quem o prega⁽¹⁷⁾. Põe-se a questão: será uma possível teorização da sociedade ideal, consequência da